



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

LOIS LANE: O MITO DO FEMININO NA MULHER DE CARNE DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DO HOMEM DE AÇO

Luiz Gustavo de Sá Bezerra (Universidade Estadual da Paraíba)

INTRODUÇÃO

Usualmente, a história em quadrinhos configura-se como uma justaposição de palavra e imagem que instila cognitivamente seu leitor a interpretá-la enquanto superposição mútua de regências artísticas e literárias, isto é, um amálgama de ilustração e prosa. A leitura de uma revista em quadrinhos torna-se um ato de percepção estética, esforço intelectual, enfim, exige a decodificação de uma linguagem que desemboca em interpretações cujas percepções são mais amplas que as comumente sugeridas. Com o surgimento das tiras diárias de quadrinhos na imprensa diária, nos primórdios do século XX, essa forma popular de leitura encontrou um público amplo e, em particular, passou a fazer parte da dieta literária inicial da maioria dos jovens (EISNER, 1999).

À medida que ocupam espaço nos meios de comunicação de massa, sobremaneira entre crianças e jovens adultos, alçando personagens bidimensionais ao status de propriedades imateriais milionárias, os discursos inerentes às histórias em quadrinhos passam a ser redescobertos e dissecados na via acadêmica. E sobrepujando o estigma da “subliteratura”, o veio de séries de super-heróis – normalmente confundidas com o próprio instituto dos quadrinhos – acionam vislumbres críticos que permitem detectar hibridismos, remitologizações e aparelhos ideológicos de Estados culturais.

Tendo em foco a presente premissa, este trabalho propõe-se, mediante pesquisa bibliográfica, a confrontar o discurso construído a partir da criação da personagem Lois Lane, em 1938, nas páginas das histórias em quadrinhos do Super-Homem de Jerry Siegel e Joe Shuster, com as reformulações sofridas pelos enredos e a linguagem contemporânea do mito feminino como reminiscência na cultura ocidental do século XX, expressando comportamentos, percepções e sentidos que dialogam com a mitocrítica contemporânea, bem



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

como vêm sendo apreendidas em abordagens como a de Peter Burke, no conceito de Hibridismo Cultural.

RETRATO DE UMA MULHER PÓS-MODERNA

De propriedade imaterial do grupo econômico *Time Warner* a improvável ícone cultural do século XX, inventada e reinventada sucessivas vezes em meio a histórias em quadrinhos, livros, desenhos animados, seriados de televisão e filmes, a personagem Lois Lane veio à luz em junho de 1938, na página 05 da revista *Action Comics nº 01*. Extrapolando o campo cênico a que está vinculada, entre flagrantes de uma identidade camaleônica, sua existência setuagenária no universo fantástico do Superman, revela os meandros dispersivos da circularidade cultural enquanto processo de hibridização cultural. Reiteradamente formatada conforme as necessidades dos discursos, a pontualidade das tendências da indústria cultural e os caprichos legítimos do *copyright*, verifica-se que Lois Lane dificilmente representa os mesmos ideais que aquela mulher de outrora, criada por Jerry Siegel e Joe Shuster. Os mitos femininos que a fundamentam, contudo, permanecem vivos, pulsantes e clamando por decifrá-los.

Logo de início, os autores criadores estabelecem o elemento chave que ditaria a química da relação triangular entre Lois Lane, Clark Kent e Superman. Emulando propositalmente a postura e os trejeitos de um covarde, Kent havia criado um disfarce completo, uma *persona* que era tão inversa do verdadeiro *eu*, o Superman, que dispensaria qualquer bisbilhoteiro e lhe permitiria provar da vida normal. Como justificativa para tamanho subterfúgio, ele insistia constantemente que se os inimigos do submundo soubessem quem de fato era, poderiam atingi-lo por meio de seus entes queridos. Ao longo das décadas, a dupla identidade do herói serve ao seu propósito original, mas a partir dos anos 1950, o galanteio e a generosidade com que o Superman tratava Lois começavam a flertar perigosamente com a crueldade e misoginia.

Era difícil comparar esse brutamontes, muitas vezes grosseiro e desonesto, com qualquer concepção conhecida do Superman, e mesmo assim ali estava ele mentindo, iludindo e frustrando sem parar os sonhos de matrimônio, enquanto Lois só se enfurecia e tramava maquinações. O medo que Superman tinha do



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

compromisso foi uma característica significativa, talvez dominante, de suas aventuras na Era de Prata. Era como se todo o ressentimento sublimado dos homens dos anos 1950, que voltavam do agito da guerra para a labuta diária das nove às cinco e para as casinhas bregas suburbanas, estivesse fervilhando entre as capas (MORRISON, 2012, p. 87).

Comportamento, por sinal, bastante similar ao de Zeus, deidade máxima da mitologia grega, cuja mulher, Hera, tornou-se uma esposa ciumenta e vingativa ante os recorrentes amores proibidos do marido. Nesse sentido, diversos mitos corroboram a reputação lasciva de Zeus, colecionando casos extraconjugais com mortais e imortais que só encontram equivalência com o número de progênes bastardas. A libido da divindade grega, obviamente, não repercute nos usos e costumes do Superman, no máximo, o que o homem de aço e o pai dos deuses partilham em comum, é a astúcia e truques semânticos medonhos que aplicam nas suas donzelas indefesas.

Por outro lado, o mito do super-herói, especialmente o do Superman, é o mito da classe média norte-americana em busca de autoafirmação, identificando-se com a prepotência imperialista – que invade ideológica, econômica e militarmente países periféricos do chamado “Terceiro Mundo” – e a ideia fixa de desfrutar de uma dupla identidade, numa luta culturalmente maniqueísta. O Superman deixava claro sua inclinação: era um herói do povo. O Superman de Jerry Siegel e Joe Shuster, no final da década de 1930, era uma manifestação humanista e audaciosa aos receios do período da Grande Depressão, do avanço científico desregrado e da industrialização sem alma (CIRNE, 1982).

Em contexto diametralmente oposto, Lois Lane oscilava ora como um símbolo da mulher indolente, segundo os padrões da classe dominante – satisfazendo os desejos ocultos do operariado –, ora como um curioso caso de mulher independente e voluntariosa. Um contraponto burguês nas histórias do Superman, que focalizava, sobretudo, o contraste entre o herói do povo e sua dama glamourosa. Desse modo, mesmo que de maneira bastante sutil, Lois parecia antecipar-se ao movimento feminista da década de 1960 e as teorias pós-modernistas do sociólogo, Daniel Bell, a respeito do futuro da sociedade moderna, marcada pelo industrialismo.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

A mulher pós-moderna foi à luta pela conquista do mercado de trabalho e aos poucos passou a exercer todo e qualquer tipo de atividade que, até então, só era atribuído aos homens. Adiou a constituição da família, priorizou a carreira profissional em vez da maternidade. Impôs-se na relação com o parceiro. Conquistou a independência financeira e isso lhe propiciou também a independência emocional e psicológica (BAETA, 2009, p. 20).

Entretantes, torna-se perceptível que Lois Lane, dentro da problemática fundante de Siegel e Shuster, fora concebida como representação feminina de cunho iminente progressista, mas com a reversão dos direitos autorais em favor do grupo econômico *Time Warner*, suas condutas passaram a estar sincronizadas dentro do limite tolerado pelo sistema, auxiliando a manter o *status quo* mais conveniente aos padrões ianques. Doravante, a história da personagem imputa uma vida entre culturas, erigida à base de apropriações, empréstimos, assimilações e negociações. Neste caso, como já disse Burke (2003), esse hibridismo cultural “é muitas vezes, senão sempre, um processo e não um estado” (p. 50), o que, por meio da personagem Lois Lane, acaba resultando em releituras do mito feminino.

O MITO DO FEMININO EM LOIS LANE

Uma interpretação acerca da releitura do mito feminino pode ser encontrada no itinerário da jornada do herói, isto é, “a vida como uma jornada heroica, representando um caminho de autorrealização através do desenvolvimento da nossa própria consciência e conexão conosco e com o mundo à nossa volta” (O’CONNELL, 2010, p. 56). No interior dessa demanda, o simbolismo está voltado para a luta humana em encontrar a identidade e um senso do significado e propósito. O ciclo heroico compreende três fases distintas, quais sejam: o chamado para a aventura, a iniciação e o retorno.

No princípio da busca, um chamado incita o herói a cruzar uma fronteira física ou psicológica e ingressar no desconhecido ou no reino do inconsciente. Ultrapassar essa fronteira requer o confronto com desafios que vão muito além da existência cotidiana. Este é o intento da iniciação, através da qual o indivíduo deve expandir sua identidade. Uma vez que o herói já tenha alcançado existo perante a busca, ele ou ela pode regressar com uma bênção



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

ou poder para o benefício da comunidade. O mitólogo comparativo Joseph Campbell, aloca o encontro com a Deusa – figura incorporada no arquétipo da Mãe¹ – no cenário da iniciação.

A mulher representa, na linguagem pictórica da mitologia, a totalidade do que pode ser conhecido. O herói é aquele que aprende. À medida que ele progride, na lenta iniciação que é a vida, a forma da deusa passa, aos seus olhos, por uma série de transfigurações: ela jamais pode ser maior que ele, embora sempre seja capaz de prometer mais do que ele já é capaz de compreender. Ela o atrai e guia e lhe pede que rompa os grilhões que o prendem. E se ele puder alcançar-lhe a importância, os dois, o sujeito do conhecimento e o seu objeto, serão libertados de todas as limitações (CAMPBELL, 2007, p. 117).

Nas histórias em quadrinhos do Superman, o enlace romântico com Lois Lane, personificação da Deusa encarnada em toda mulher, é a derradeira prova do talento de que o herói é digno da benção do amor, que seria a própria vida, subentendida como o envoltório da eternidade. Na outra via, se vislumbrada enquanto heroína de sua própria história, Lois Lane, é quem, por suas qualidades, beleza ou desejo carnal, se revela adequada para desposar um imortal. Nesse sentido, um exemplo emblemático contido na bibliografia do homem de aço é o contido em *Grandes Astros Superman nº 03* de março de 2007. Na presente história, é proposto ao kryptoniano o “desafio das eras”, um torneio entre o Superman e os heróis históricos, Sansão e Atlas, para decidir qual desses “super-homens” desempenharia a façanha mais incrível e merecedora da companhia de Lois. O resultado, naturalmente, coroou o Superman e referendou o que qualquer leitor já sabia, ou seja, que Lois Lane é a Rainha-Deusa do mundo.

O casamento de Superman e Lois Lane, decorridos sessenta anos de cortejos, evasivas e tragédias, aconteceu na revista *O Casamento do Super-Homem* em maio de 1998. Seria “o casamento místico com a Rainha-Deusa do mundo”, cuja tradução remete a conquista plena da vida pelo herói (CAMPBELL, 2007, p. 121). Assim, tudo que sucedera até a troca de

¹ O fundador da psicologia analítica K. G. Jung compreendia os arquétipos como padrões fundamentais que proporcionam um significado simbólico a um evento. Não são propriamente temas ou símbolos, mas sim as tendências enraizadas que norteiam a formação do símbolo. Os arquétipos considerados mais importantes por Jung são: a Mãe, Criança, Sombra, Anima e Animus (MELETÍNSKI, 2002).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

alianças, os testes por que passou o Superman, preliminares de sua experiência e proezas últimas, simbolizam as crises de percepção por meio das quais sua consciência fora ampliada e preparada a enfrentar a plena posse da mãe negativa², de sua noiva inevitável. O Superman aprende, por fim, que ele e seu pai biológico, Jor-El, são um só, e agora ocupa o seu lugar.

Todavia, a condição de cônjuges confere o substrato necessário para que as próximas equipes criativas a frente das histórias do Superman fomentem novas problemáticas na relação Lois, Clark e Superman. A primeira delas é que, provavelmente, exigiria bastante renúncia da esposa, é que Lois havia casado com Clark Kent, mas, devido à teia de imbricações que a outra identidade do marido poderia trazer à tona, aos olhos do público, o Superman continuaria solteiro. Tal realidade é levada às últimas consequências na história *Coração de Aço*, presente em *Superman Premium nº 03* de outubro de 2000, no qual o Superman e a Mulher-Maravilha são transportados para ao Valhalla das mitologias nórdicas, e ficam por cerca de um milênio presos àquela realidade, ajudando o Deus do Trovão, Thor, a vencer uma guerra para libertar Asgard do domínio de demônios de Hades. Impossibilitados de regressar a Midgard, a Terra, a fidelidade do herói com Lois Lane é posta à prova diante do longo tempo que é obrigado a permanecer longe da consorte, estreitando laços e dividindo momentos de intimidade com Diana, a Mulher-Maravilha. No final, Thor consegue devolver seus dois guerreiros à sua devida realidade em Midgard, a Terra, oportunamente, na mesma hora e local que haviam sido outrora arrematados para a aventura.

Uma mulher relaciona-se publicamente com um homem, mas não com o super-herói que há nele. Se a dinâmica em questão já não era suficientemente complexa, outros matizes foram acrescidos na interação do casal na edição especial *A Morte do Super-Homem* em novembro de 1993. Como o próprio título da história sugere, o homem de aço faleceu e não em decorrência de causas naturais, mas em circunstâncias brutais, ao defender a humanidade de um monstro que honrava a própria alcunha, o “Apocalipse”. Tombado em combate, a última imagem do trágico desfecho é a seguinte:

² Seria o lado sombrio do arquétipo da Mãe, de índole dominadora, perturbadora, ciumenta e capaz de tirar ou destruir a vida (O'CONNELL, 2010).



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura



Figura 01: *A Morte do Super-Homem*. Lois chora pelo marido morto (p.158)

Se os destroços de Metrópolis fossem substituídos pelo Calvário, a colina situada fora dos limites de Jerusalém, onde Jesus Cristo foi crucificado, e as personagens ganhassem indumentárias diferentes, certamente o que estaria sendo reproduzido é uma ilustração da Virgem Maria acolhendo o corpo mutilado do seu rebento, o filho de Deus, que morreu para redimir a humanidade. Confrontando a cena com a presente história em quadrinhos, nota-se, logo após a morte do Superman, um fortalecimento da conexão de Lois com o arquétipo da Mãe, o que a instila a aprender a cuidar de si mesma e da própria força de vida criativa, a fim de evitar tornar-se uma pessoa destrutiva (O'CONNELL, 2010).

A situação de Lois tornou-se inusitada por dois aspectos; primeiro, porque, para honrar o sigilo da identidade secreta do Superman, foi obrigada a criar subterfúgios à sociedade para despistar os curiosos do paradeiro real de Clark Kent; e, segundo, porque seu luto dirigiu-se a dois homens, o apolíneo super-herói e sua contraparte frágil e mundana. Mas tal como a Virgem Maria ao reencontrar o Cristo redivivo, não tardou até que a repórter revisse o Superman em *O Retorno do Super-Homem n° 03* em novembro de 1994.

Superman era Cristo, o campeão imortal enviado pelo pai celestial (Jor-El) para nos redimir pelo exemplo e nos ensinar a resolver nossos problemas sem precisarmos matar uns aos outros. Em seu traje de sonhos *Technicolor*, ele era um pop star, um messias da era das máquinas, um redentor sci-fi. Ele parecia projetado para nos provocar de todas as formas possíveis. Mas, se a história de Jesus tem um tema



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

central, sem dúvida é este: quando um deus decide vir à Terra, ele tem que fazer alguns sacrifícios. Para nascer, Superman foi chamado a renunciar a alguns de seus princípios. Como preço da encarnação, o filho de Jor-El de Krypton foi obrigado a fazer um acordo terrível com as forças complexas e tortuosas do mundo material. Aquele S também é uma serpente, e carrega sua própria maldição (MORRISON, 2012, p. 33).

O Superman que enganou a morte, embora fortalecido momentaneamente nas vendagens, era uma figura levemente diminuída e a convivência marital começava a cobrar o seu preço. E mesmo que o tabu da manutenção da identidade secreta perdurasse – o que teoricamente manteria Lois Lane a salvo de danos colaterais –, o sadismo dos roteiristas subsequentes insistiu na criação de situações que a colocassem constantemente em risco de vida. A personagem torna-se um alvo móvel e um exemplo extremo dessa condição pode ser visto em *Crise Final nº 02* de setembro de 2009. Ocasão em que um vilão deflagra uma bomba na redação do Planeta Diário, ferindo-a gravemente, inclusive com um estilhaço no coração. Às portas da morte, um ser de outra dimensão surge do nada e oferece ao Superman um elixir milagroso para salvar sua esposa. Ele aceita e parte ao encontro da aventura.

No ano de 2011, a cúpula da *DC Comics*, subsidiária que gere o desenvolvimento das histórias em quadrinhos das propriedades imateriais do grupo Time Warner, percebeu que um padrão havia ancorado o Superman em enredos que não geravam identificação com os novos leitores e tão pouco agradava ao público cativo. A culpa recaiu em grande parte ao homem de aço supermotivado e ineficiente que surgiu após o casamento com Lois Lane, arrefecendo seu potencial mítico e propósito mítico (Morrison, 2012).

Tragédia anunciada, em setembro de 2011, a setuagenária revista norte-americana *Action Comics* voltou às bancas com seu primeiro número um desde 1938 e com a estreia de um Superman mais jovem, com novo visual e mais uma vez solteiro. Para tanto, não ocorreu um divórcio litigioso e tão pouco uma separação de corpos, apenas uma decisão editorial que agiu em conformidade com as necessidades de mercado. Na outra via, as discussões habituais de Lois e Clark vinham emulando flagrantes da realidade como, por exemplo, a questão da incompatibilidade genética, revelando tanto os temores dos casais que enfrentam a dura realidade de não poderem gerar filhos, quanto os assumem a postura de não tê-los.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura



Figura 02: *Grandes Astros Superman*. Incompatíveis (p.237)

O motivo específico do fim do casamento de Superman e Lois Lane não foi revelado pelos criativos da DC Comics, contudo, era notório que o par romântico foi durante muito tempo associado às noções de amor, casamento e maternidade; e pelo conceito de que o amor verdadeiro, uma vez encontrado, seria eterno. Quando o casamento para a maior parte da sociedade, efetivamente era para sempre – sobretudo o expoente conservador dos Estados Unidos –, a congruência estrutural entre o amor romântico e a parceria sexual estava bem delineada. O resultado pode, correntemente, ter sido anos de infelicidade, dada a tênue relação entre o amor como uma fórmula para o casamento e as condições impostas para progredir posteriormente (GIDDENS, 1993, p. 58).

CONCLUSÃO

Verifica-se que os enredos do universo ritualístico da personagem Lois Lane correlacionam as formas clássicas do mito feminino com a realidade histórica que as concebeu, revelando os pormenores das narrativas míticas, sobremaneira as absorvidas entre múltiplas camadas que constroem a linguagem artística atual. Coadjuvante e interesse amoroso do homem de aço, Lois, como “mulher de carne”, desafia um mundo pontuado pelo imaginário fantástico e vive entre estratificações recorrentes da figura feminina, mantendo como traço incontestável na miríade de personificações existentes, a característica originariamente vanguardista da mulher independente revelando de *per si* uma ideologia progressista. Uma ambientação multivariada de tradição errática de equipes criativas, compostas essencialmente por diversos roteiristas, ilustradores e editores, dá margem para



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

situações limítrofes e redefinidoras da identidade da personagem, sobretudo atuando sobre esquemas arquetipos da jornada do herói.

Conclui-se que Lois Lane extrapola o campo cênico da personagem, adentrando na órbita do ícone cultural e, como tal, não se permite uma identidade imutável, sendo reiteradamente formatada conforme as necessidades dos discursos e, até mesmo, da pontualidade das tendências da indústria cultural, manifestadas segundo os caprichos legítimos do *copyright* que, por sua vez, revelam-se diametralmente opostos aos intentos dos autores-criadores.

REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

Figura 01 – JURGENS, Dan; BREEDING, Brett. **A Morte do Super-Homem**. São Paulo: Abril, 1993.

Figura 02 – MORRISON, Grant; QUITELY, Frank. **Grandes Astros Superman**. Barueri: Panini Books, 2012.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 2007.

CIRNE, Moacy. **Uma introdução política aos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé/Angra, 1982.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993.

MELETÍNSKI, Eleazar. **Os arquetipos literários**. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

KELLY, Joe; GARCIA, German; RUBINSTEIN, Joe. **Superman Premium nº03**. São Paulo: Abril, 2000.

MORRISON, Grant. **Superdeuses**. São Paulo: Seoman, 2012.

_____. **Crise final edição definitiva**. Barueri: Panini Books, 2014.

_____; QUITELY, Frank. **Grandes astros Superman**. Barueri: Panini Books, 2012.



X Colóquio Nacional Representações de Gênero e de Sexualidades

IV Seminário Nacional de Psicologia e Crítica da Cultura

O'CONNEL, Mark; AIREY, Raje. **Almanaque ilustrado símbolos**. São Paulo: Escala, 2010.

SIEGEL, Jerry; SHUSTER, Joe. **Superman Crônicas nº 01**. Barueri: Panini Books, 2007.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (Org.). **Muito além dos quadrinhos**. São Paulo: Devir, 2009.